O Candeeiro
Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas
Ano 19 · nº 3132
Julho/2026
Potiretama – CE
P1+2
Programa Uma Terra e Duas Águas
Ceará



DA TERRA QUE RESISTIU À FAMILIA QUE FEZ DO QUINTAL UM ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO

Entre a escassez de água, a recuperação do solo e a força da organização comunitária, dona Ana Oliveira e José Oliveira construiram uma trajetória marcada pela agricultura, pela persistência e pelo desejo de permanecer em sua terra.

Dona Ana sempre viveu na comunidade Baixa do Jatobá em Potiretama. Foi ali que cresceu, constituiu sua família e construiu, ao longo dos anos, uma relação profunda com a terra. Mas, durante muito tempo, produzir no quintal era também enfrentar um dos maiores desafios do Semiárido: a falta de água.

Quando se mudou para a casa onde vive atualmente, em 2019, parte dessa história já vinha sendo construída. A primeira cisterna que veio através da Organização Barreira Amigos Solidarios - OBAS, havia chegado anos antes, em 2012, e representou uma mudança importante para a família. Até então, a vontade de plantar existia, mas as condições para manter uma produção eram limitadas.

“**Nós não tinha água**”, relembra dona Ana.

A chegada da cisterna trouxe novas possibilidades. Com algumas mudas recebidas, a família começou a ampliar o plantio. Mas a água ainda era pouca e a seca logo colocou à prova aquela iniciativa. Muitas plantas morreram porque não havia água suficiente para irrigá-las.

Mesmo assim, dona Ana não desistiu.

Para manter o que havia plantado, chegou a comprar água.

Era preciso fazer a pequena quantidade disponível render e, ao mesmo tempo, esperar pela chegada de um novo inverno. A produção ainda era pequena, mas o desejo de continuar era maior.

Aquele período ajudou a fortalecer uma certeza que acompanharia sua trajetória: era possível produzir, mas era preciso cuidar da água e da terra.

Recuperar a terra para voltar a produzir

Muito antes de o quintal receber as estruturas e tecnologias conquistadas através de políticas públicas, dona Ana já buscava maneiras de recuperar o solo.

A relação com a terra havia sido marcada por práticas que, segundo ela, contribuíam para sua degradação, como a queima das folhas. Quando teve mais autonomia para cuidar daquele espaço, decidiu fazer diferente.

“Só tentar recuperar o que já havia feito estrago nessas terras”, explica.

As folhas que antes eram queimadas passaram a permanecer no solo. Galhos e outros materiais também eram deixados no local como parte desse processo de recuperação. Aos poucos, a terra começou a responder.





Dona Ana Oliveira e José Oliveira na sua cisterna e a sua produção de ovos caipiras

Dona Ana conta que, depois de alguns anos, percebeu que era possível plantar novamente naquele espaço.

A mudança não aconteceu de uma hora para outra. Foi resultado de observação, tentativa, aprendizado e persistência. Sem ter, naquele início, alguém que a orientasse diretamente, ela buscava informações por conta própria, inclusive em programas de televisão.

A experiência acumulada ao longo dos anos tornou-se parte importante do modo como conduz o quintal atualmente.

Para eles, produzir também significa **não queimar, não utilizar veneno e cuidar da terra para que ela continue produzindo.**

Quando os projetos encontram uma história que já existia

Com o passar dos anos, novas iniciativas chegaram à família, incluindo a implantação de um Sistema Agroflorestal pelo Instituto Brotar e pela EFA Jaguaribana. O quintal foi ganhando outras possibilidades: Bioágua, biodigestor, hortas, minhocários e criação de galinhas**.**

Mas Dona Ana deixa claro que os projetos não começaram a história do quintal. Eles fortaleceram uma experiência que já estava em construção.

A família já plantava antes das estruturas chegarem. Já existia o cuidado com a terra e a vontade de produzir. As políticas públicas e as iniciativas de convivência com o Semiárido contribuíram para ampliar essas possibilidades.

Um dos momentos marcantes foi a participação no Mulheres Rurais, do Projeto São José. A oportunidade surgiu depois que um vídeo do quintal de dona Ana chegou até pessoas ligadas ao projeto. Incentivada a participar do edital, ela contou com a ajuda de familiares e de pessoas que contribuíram para construir sua proposta.

O projeto reuniu aquilo que já existia no quintal e projetou novos caminhos para a produção.

Contemplada após somar 148 pontos na avaliação do edital, ela viu os diferentes elementos presentes em seu quintal entrarem na proposta, entre eles a criação de galinhas, o biodigestor, o Bioágua e os minhocários

“Uma coisa foi juntando a outra“, conta, lembrando como diferentes ideias foram se conectando até formar o projeto.

Hoje, a produção também chega às escolas por meio da comercialização de alimentos. Dona Ana conta que já participou do PNAE e busca novas possibilidades de comercialização por meio do PAA e da Conab.

Os ovos já são vendidos, enquanto o cheiro-verde também integra a produção da família.

O quintal, que começou pequeno e enfrentou a falta de água, tornou-se pouco a pouco um espaço de produção, renda e autonomia.



José Oliveira no seu galinheiro

A história de Dona Ana, porém, não termina dentro do quintal. Ao longo dos anos, ela e José também construíram uma trajetória de participação na comunidade. O casal atua em diferentes frentes e se tornou referência para outras famílias.

Dona Ana conta que as pessoas aprenderam a confiar neles porque perceberam que o trabalho realizado tinha como objetivo contribuir com o coletivo. Essa confiança aparece em momentos de mobilização, na busca por melhorias e até em situações de solidariedade. Ao longo dessa trajetória, enfrentou críticas e dificuldades, mas também conquistou o respeito dos vizinhos. “Eu acho que foi um aprendizado”, resume.



Para José, olhar para essa caminhada é reconhecer o quanto a vida dos dois se transformou. Antes sem quase nada e vivendo na condição de moradores, ele vê na chegada dos projetos e das tecnologias um divisor de águas para a família:

“O que mudou na nossa vida? Mudou muito, porque nós não tínhamos praticamente nada. Com essas tecnologias e esses projetos que apareceram, graças a Deus mudou tudo pra melhor. A gente não é mais morador, conquistou terra e tem o nosso carro para andar. Só temos a agradecer a esse pessoal e à OBAS que chegaram para melhorar a nossa vida.”





Mesmo diante das dificuldades, dona Ana não pensa em deixar o lugar onde construiu sua história.

“Não me vejo saindo daqui.”

Aos 53 anos, continua plantando, cuidando da terra, participando da comunidade e buscando novas oportunidades. Ao lado de José, ela vê nas cisternas, nos projetos, nas tecnologias e na organização comunitária a força que move a família.

Hoje, o quintal representa mais do que produção: é parte de uma história construída a dois, com trabalho, resistência, gratidão e esperança de novas conquistas.